



Arquitetura revista

ISSN: 1808-5741

arq.leiab@gmail.com

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Gonsales, Celia

CIAM, Team X e espaço urbano nos conjuntos habitacionais brasileiros: o Conjunto Terras Altas em
Pelotas

Arquitetura revista, vol. 7, núm. 2, julio-diciembre, 2011, pp. 101-111

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193621371003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

CIAM, Team X e espaço urbano nos conjuntos habitacionais brasileiros: o Conjunto Terras Altas em Pelotas

CIAM, Team X and urban space in Brazilian housing communities: The *Terras Altas* Community in Pelotas

Celia Gonsales¹
Universidade Federal de Pelotas
celia.gonsales@gmail.com

RESUMO – O CIAM se estabelece a partir do final da década de vinte do século passado como palco de discussão e difusão das novas ideias de urbanismo. Os modernistas acreditavam que o desenho da cidade seria propiciador de um mundo mais igualitário e que a estrutura urbana poderia ser conformada racional e funcionalmente de forma a se atingir o bem-estar social. Porém, o esquematismo e o excesso de racionalização que concebia a habitação padronizada sem qualquer relação com a identidade do morador provocaram fortes críticas por parte das gerações mais novas no próprio seio do CIAM. O Team 10 foi buscar no resgate das categorias da cidade tradicional um maior sentido de comunidade e identidade, uma construção de relações mais imediatas entre o núcleo familiar e o grupo social, entre a residência e os espaços coletivos. Este trabalho se constitui como uma reflexão sobre a circulação dessas ideias “universais” e suas aplicações ou traduções locais tomando um conjunto habitacional da cidade de Pelotas como objeto de estudo. Esta urbanização conformada nos anos oitenta se configura como rico exemplo de estudo porque nela é possível verificar a presença das diferentes visões sobre a cidade ocorridas no século XX. No momento da concepção estão presentes os princípios do CIAM, mas já “contaminados” pela crítica à cidade funcionalista do segundo pós-guerra. Esse legado, o legado do *Team 10*, tem possibilitado, e isso se nota na “cidade espontânea” que começa a ser construída logo após a ocupação da urbanização, a transformação do conjunto em um “bairro” dotado de intensa animação urbana.

Palavras-chave: CIAM, Team 10, conjunto habitacional em Pelotas, Conjunto Terras Altas.

ABSTRACT – The CIAM has been established as a forum for the discussion and dissemination of new ideas on urbanism since the end of the 1920s. Modernists believed that the city design would promote a more equal world and that the urban structure could be shaped rationally and functionally so as to reach social well-being. However, the schematism and excessive rationalization that conceived standard housing as having no relation to the identity of the dwellers caused a lot of critique by the younger generations within the CIAM itself. Team 10 sought to retrieve concepts of the traditional city and create a greater sense of community and identity, a construction of more immediate relationships between the family nucleus and the social group, between the residence and the collective spaces. This article is a reflection on the circulation of these “universal” ideas and their local applications focusing on a housing community in the city of Pelotas. That urbanization project shaped in the 1980s is a rich example for study because in it one can identify the presence of the different views of the city in the 20th century. The CIAM principles were present at the moment of its conception, but they were already “contaminated” by the critique of the functionalist city after World War II. This legacy, viz. the Team 10 legacy, has enabled the transformation of the housing community into a “neighborhood” full of intense urban animation, and this can be noticed in the “spontaneous city” that began to be built soon after the urbanization process started.

Key words: CIAM, Team 10, housing community in Pelotas, Terras Altas Community.

O espaço urbano no CIAM

Muito se fala da presença – muitas vezes nefasta – do urbanismo moderno nas cidades brasileiras. No país, a ideia de uma cidade moderna – tomada muitas vezes com uma superficialidade e redução não prevista por seus progenitores – foi implantada principalmente de dois modos: o primeiro, através da legislação urbanística aplicada sobre tecido tradicional ou terreno livre, que tem

a Carta de Atenas como referência básica, e o segundo nas propostas para novos pedaços de cidade que respondiam, principalmente, à demanda de habitação decorrente do grande crescimento urbano do século XX. Estes bairros e conjuntos habitacionais que se constituem como as principais postas em cena do urbanismo moderno no Brasil têm as *Siedlungen*² centro-europeias como modelos pioneiros.

Assim, se Le Corbusier foi o grande sistematizador das ideias globais para a cidade moderna através de sua

¹ Universidade Federal de Pelotas. Rua Benjamin Constant, 1159, 96010-020, Pelotas, RS, Brasil.

² Grandes conjuntos habitacionais construídos no entreguerras na Holanda, Alemanha, Áustria e Suíça para atender à larga demanda de habitação social decorrente do êxodo rural e da destruição causada pela 1ª Guerra Mundial.

obra e de sua versão para a Carta de Atenas, foram os arquitetos alemães, principalmente os de tendência *Neue Sachlichkeit*³, que estudaram de maneira mais sistemática o problema da habitação mínima e as possibilidades de sua organização em parcelas da cidade.

Os CIAM – Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna – foram o grande palco de debate desses temas. O primeiro congresso, em 1928, tratou da adoção de métodos universais para a produção racionalizada da construção e da ideia de uma urbanização seguindo critérios funcionais a partir de uma redistribuição de terra urbana mais justa. O segundo, em 1929, estudou a habitação mínima. O terceiro, completando a trilogia sobre o tema que mais diretamente nos interessa aqui, segundo Montaner (1995, p. 28), “[...] tratou de realizar o passo seguinte: utilizando métodos construtivos racionais, estabelecer os critérios para a colocação dos blocos de habitação na estrutura de parcelamento do solo”.

Neste terceiro encontro de Bruxelas, em 1930, Walter Gropius, em sua conferência “Edificação baixa, média ou alta?”, apresenta estudo matemático relacionando a densidade e altura de habitações e a distância entre blocos paralelos de uma possível urbanização a fim de buscar uma “divisão racional do solo”.

O primeiro esquema adota como constante a proporção do espaço livre entre os blocos e demonstra que, mantendo essa igualdade de condições, cresce o número de habitações à medida que aumenta a altura. No segundo esquema, o parâmetro constante é a densidade, e nele se evidencia que a maior altura dos edifícios corresponde a melhores condições ambientais, já que diminui progressivamente o ângulo que forma a diagonal do espaço livre entre

os blocos (Gropius, 1972). Com este estudo o arquiteto queria comprovar a eficácia da implantação de edifícios plurifamiliares organizados em blocos lineares paralelos.

Na busca pela forma ideal da edificação, a partir da concepção do habitar humano disposto de maneira lógica sobre o território, os arquitetos modernos haviam chegado ao conceito de linearidade. A forma linear estabelecia uma analogia com o mundo moderno através dos conceitos de mobilidade e de inter-relação. Simbolizava a força dinâmica e a aspiração igualitária da sociedade moderna e representava a libertação do conceito de lugar privado característico da planta central da cidade tradicional. Como destaca Martí Arís,

[a] forma linear supõe a ausência de hierarquia e propicia a equivalência de condições para todos os elementos que configuram uma estrutura. O esquema linear é mais congruente com o princípio de repetição de um elemento e com a busca de uma serialização regida por uma lei constante. É evidente, também, a analogia entre forma linear e cadeia de montagem, entendida como figura emblemática do processo produtivo no mundo industrial (Martí Arís, 1991, p. 33).

Tal forma trazia, também, uma nova visão para o espaço livre: agora a residência envolvia sutilmente o elemento natural e, sem aprisioná-lo, tornava-o coletivo.

A ideia de tipificação, que supõe um ideal de serialização, implantada por Muthesius na primeira década do século XX, tem em Gropius um dos seguidores mais relevantes. Segundo Benévolo (1976), Gropius acreditava que a maioria dos cidadãos possuía hábitos de viver e morar assemelhados e, portanto, os edifícios deveriam se sujeitar a uma padronização, para, diminuindo seus preços de custo, manter igualdade de condições de conforto con-

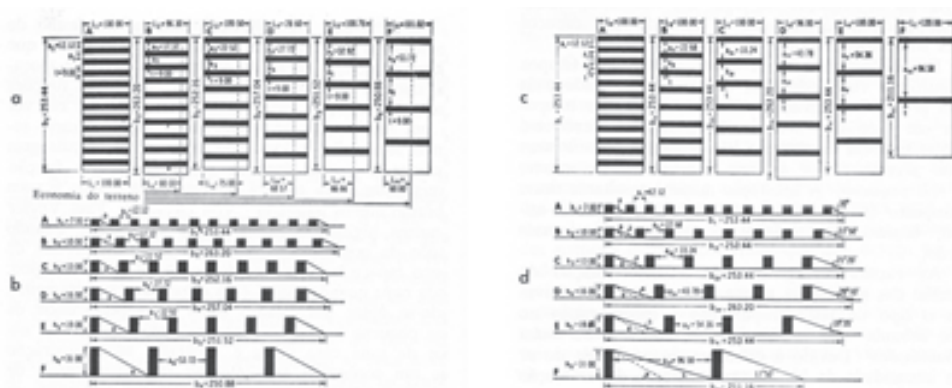


Figura 1. Walter Gropius, Diagramas apresentados no 3º CIAM, 1930.

Figure 1. Walter Gropius, Diagrams presented at the 3rd CIAM, 1930.

Fonte: Gropius (1972).

³ Nova Objetividade – movimento cultural que surge na Alemanha no começo da década de 20 e se opõe à subjetividade do expressionismo buscando uma manifestação artística e arquitetônica baseada na lógica da máquina, na racionalidade e na funcionalidade.

forme explicava em seus esquemas. Propunha a noção de padrão, que para ele equivalia a uma simplificação de um dado objeto obtido pela síntese de suas melhores formas anteriores com a eliminação de todas as suas características não essenciais.

O Bairro de Dammerstock, projetado em 1927 pelo arquiteto alemão em Karlsruhe, é exemplo de aplicação desses princípios. Era composto por blocos orientados de norte a sul a fim de distribuir igualmente a iluminação solar nas duas fachadas. As ruas de pedestres que permitem o acesso às habitações desembocam em ruas tráfegáveis que correm de leste a oeste perpendiculares às edificações.

Aqui se aplica com rigor o princípio da “construção em fila” ou *Zeilenbau*: blocos paralelos situados em ângulo reto com as ruas de acesso. Isto dava a cada habitação o ar fresco e o sol de que notoriamente haviam carecido as casas de vizinhança de finais do século XIX (Colquhoun, 2005).

Outro importante projeto que sintetiza esses ideais para a habitação é a *Siemensstadt Siedlung*, projetada em 1929 por Hans Scharoun em parceria com mais cinco arquitetos: Walter Gropius, Hugo Haring, Otto Bartning, Fred Forbat, Paul Rudolf Henning.

Os espaços comunitários são tratados como um todo ilimitado, abstrato e coletivo – aqui, diferentemente de Dammerstock, já não há divisão de parcelas – e o espaço exterior é agora, um espaço aberto e livre onde blocos paralelos são dispostos sistematicamente. Embora neste projeto ocorra, em alguns pontos, uma apropriação do traçado urbano na definição da forma dos edifícios e dos espaços coletivos e públicos, a transformação do espaço aberto de figura em fundo, própria do urbanismo moderno, se apresenta de maneira clara.

Nesta urbanização, é importante destacar que, além dos edifícios de três e cinco pavimentos e de equipamentos urbanos como a escola, é prevista a instalação de comércio

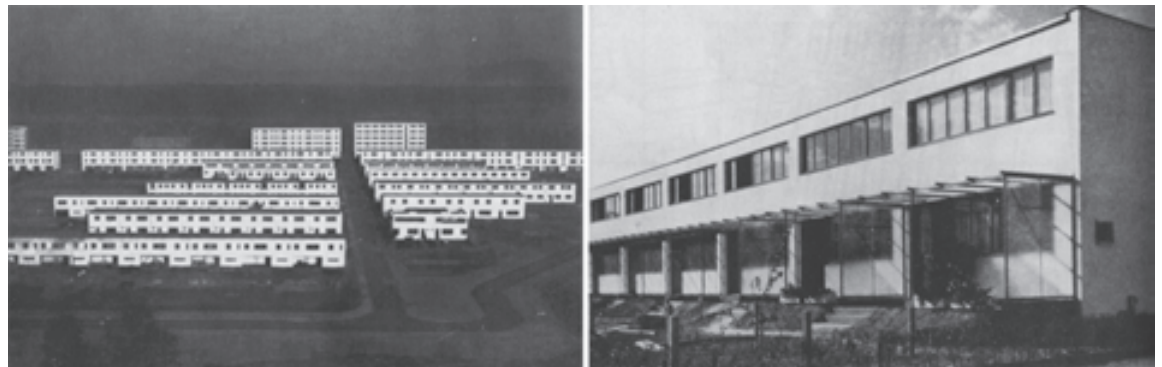


Figura 2. Walter Gropius, Siedlung Dammerstock, Karlsruhe, 1927.

Figure 2. Walter Gropius, Siedlung Dammerstock, Karlsruhe, 1927.

Fonte: Marti Arís (1991).

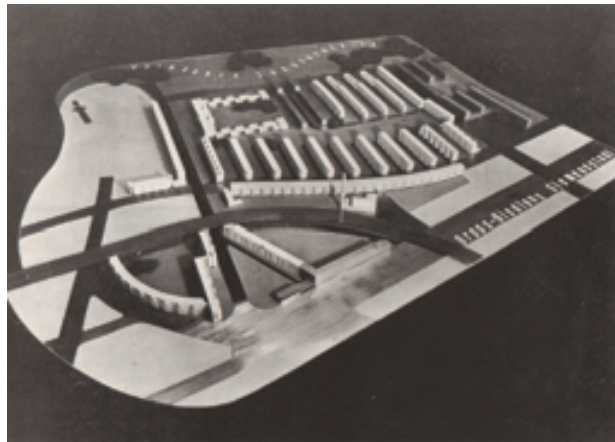


Figura 3. Hans Scharoun e outros, Siedlung Siemensstadt, Berlim, 1929.

Figure 3. Hans Scharoun and others, Siedlung Siemensstadt, Berlin, 1929.

Fonte: Marti Arís (1991).



Figura 4. Hans Scharoun e outros, Siedlung Siemensstadt, Berlim, 1929. Edifícios de habitação com locais para comércio.

Figure 4. Hans Scharoun and others, Siedlung Siemensstadt, Berlin, 1929. House buildings with places for commerce.

Fonte: Marti Arís (1991).

de pequena escala nos térreos de alguns prédios ou em corpos que servem de conexão entre duas edificações e fechamento da “quadra”, permitindo uma polifuncionalidade necessária – e que se verificará ausente em muitos conjuntos residenciais brasileiros.

O CIAM e o Brasil

Os temas arquitetônicos e urbanísticos que vinham sendo discutidos sistematicamente desde as primeiras décadas do século XX na Europa e apresentados nos Congressos de Arquitetura Moderna estão presentes nos projetos brasileiros. Os profissionais deste país cedo se apropriam desses novos conceitos e aproveitam as experiências de além-mar, já na década de 40, principalmente nos conjuntos habitacionais promovidos pelos Institutos de Aposentadorias e Pensões, os IAPs.

Nesses planos urbanos para vilas e núcleos, são implantadas novas tipologias que representam propostas urbanísticas inovadoras e difundem um novo modo de morar (Bonduki, 2009). Torna-se corrente a ideia de construir habitações baratas, econômicas, com espaços mínimos, mas atendendo a todas as normas de higiene. A racionalidade da concepção e da construção debatidas nos CIAM, assim como uma ideia crescente de redenção social para todos, estão presentes nessas propostas.

Os autores desses primeiros projetos de conjuntos habitacionais são arquitetos engajados nos ideais modernos de cidade e habitação e aplicam soluções totalmente inovadoras para o Brasil. Uma implantação racional e cartesiana com blocos de edifícios coletivos, equipamentos sociais e comunitários, novas técnicas e uso da padronização assegurariam a função social da arquitetura moderna com a construção de habitações salubres e confortáveis, que deveriam tornar a vida familiar mais fácil e agradável.

O Conjunto Habitacional Várzea do Carmo, produzido pelo IAPI – Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários – na capital paulista e projetado por Atílio Corrêa Lima e equipe em 1942, é um exemplo importante dessa inovação no Brasil (Correia, 1999).

O projeto se configura com uma rigorosa composição “racionalista”, com uma disposição de blocos médios e altos cujo paralelismo e regularidade lembram tanto os diagramas de Walter Gropius, apresentados no 3º CIAM, como as propostas de Ludwig Hilberseimer (1999) para “Uma Cidade de Arranha-Céus”. O conjunto, que articula uma nova concepção de habitação com uma nova ideia de espaço urbano, constitui-se como um significativo exemplo do momento em que se expressam no Brasil alguns dos conceitos mais importantes do movimento moderno.

Dentro do contexto de proliferação das ideias modernistas no 2º pós-guerra, essas experiências, ocorridas primeiramente na Europa e depois no Brasil, de algum modo tiveram sua “tradução” em regiões tão afastadas dos grandes centros como a cidade de Pelotas no extremo sul do Brasil. Em 1967, um quarteirão da região central se transforma em superquadra de solo coletivo para receber um conjunto habitacional, a Cohabipel, com prédios lineares distribuídos em duas direções em toda sua extensão. Em 1978, o Conjunto Habitacional Duque de Caxias – Cohaduque – é configurado a partir de lâminas paralelas sobre um terreno homogeneamente público.

Mas é na década de oitenta que aparecem na cidade alguns conjuntos com características de peculiar interesse ao representarem um sistema urbanístico que tinha sua base nas posições dos CIAMs, mas que já apresentava no seu bojo uma crítica a essas mesmas posições. Um deles é o Conjunto Habitacional Terras Altas, uma urbanização promovida pela Cohab-RS e concebida em 1980.

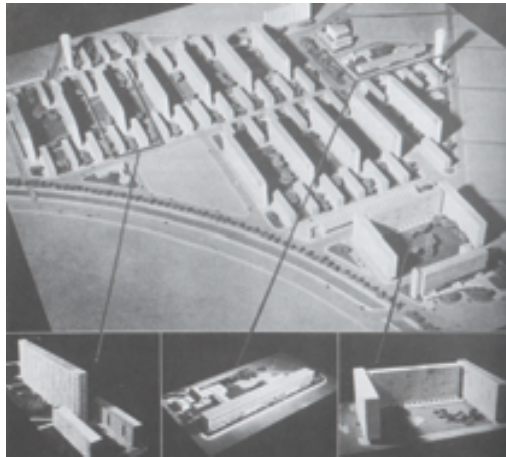


Figura 5. Atílio Corrêa Lima e equipe, Conjunto Habitacional Várzea do Carmo, São Paulo, 1942. Maquete.

Figure 5. Atílio Corrêa Lima and group, Várzea do Carmo Housing Community, São Paulo, 1942. Model.

Fonte: Bruna (2010).

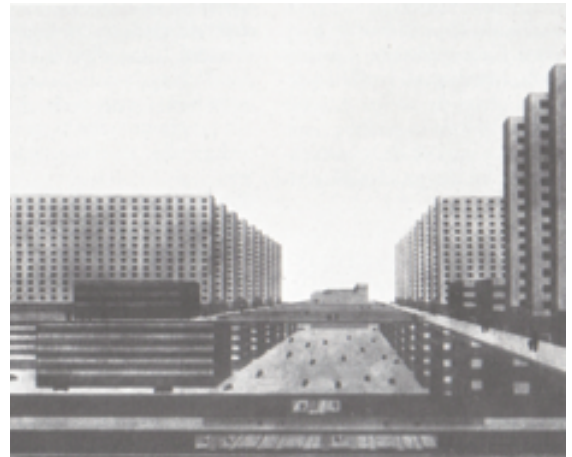


Figura 6. Ludwig Hilberseimer, Esquema de uma cidade de arranha-céus, 1927.

Figure 6. Ludwig Hilberseimer, Scheme of a skyscraper city, 1927.

Fonte: Hilberseimer (1999).



Figura 7. Cohabipel, 1967, Pelotas (RS).

Figure 7. Cohabipel, 1967, Pelotas (RS).

Fonte: Google Earth (2011), acesso em 15/03/2010, e arquivo da autora.



Figura 8. Cohaduque, 1978, Pelotas (RS).

Figure 8. Cohaduque, 1978, Pelotas (RS).

Fonte: Google Earth (2011), acesso em 15/03/2010.

Nesse momento, a tipologia que vinha sendo adotada pela Cohab-RS era a de casas unifamiliares isoladas ou geminadas em lotes individuais em loteamentos que se inspiravam no ideal culturalista das *garden cities* e na versão norte-americana do subúrbio. A Cohab-RS estava bastante refratária a novas tipologias e novos desenhos urbanos, com argumentos de que estes não seriam adequados ao modo de vida da população de baixa renda. A adoção do “conjunto residencial” ou “conjunto habitacional” – que se diferencia do loteamento pela presença do solo coletivo – e a adoção de novas tipologias edilícias pela Companhia de Habitação coincidem com o lançamento dos “Projetos Integrados”⁴ a partir de 1978 (Medvedovski, 1998).

Nesse programa, foram construídos em Pelotas três conjuntos habitacionais: o Fernando Osório, com 1.504 unidades, o Guabirola, com 2.640 unidades e o Terras Altas, com 1.788 unidades; este último é objeto de estudo deste trabalho.

O conjunto Terras Altas, construído entre 1980 e 1984, constitui um espaço aberto estruturado a partir de uma distribuição de lâminas paralelas de dois andares

– apartamentos sobrepostos com acesso às habitações superiores por escada localizada lateralmente aos acessos às unidades térreas – predominantemente na direção nordeste-sudoeste, que se repetem indefinidamente por todo o terreno. A exatidão da geometria somente é interrompida nas lâminas que acompanham o traçado da antiga linha férrea.

O conjunto apresenta pequenas praças entre os agrupamentos habitacionais e uma praça central onde são previstas as instalações de comércio de porte médio e de outros equipamentos urbanos e que se apresenta como um parque pontuado por edifícios isolados. A urbanização caracteriza-se por conceitos de uniformidade e repetição. A disposição dos blocos de habitações garante condições de insolação e ventilação e acesso ao espaço livre equivalentes para todos os habitantes. As janelas estão abertas para as áreas livres entre os edifícios e para vias com acesso para automóveis ou vias essencialmente de pedestres. Em termos viários, o conjunto está conectado à cidade por uma via principal localizada no eixo central da gleba e por vias secundárias perpendiculares àquela.

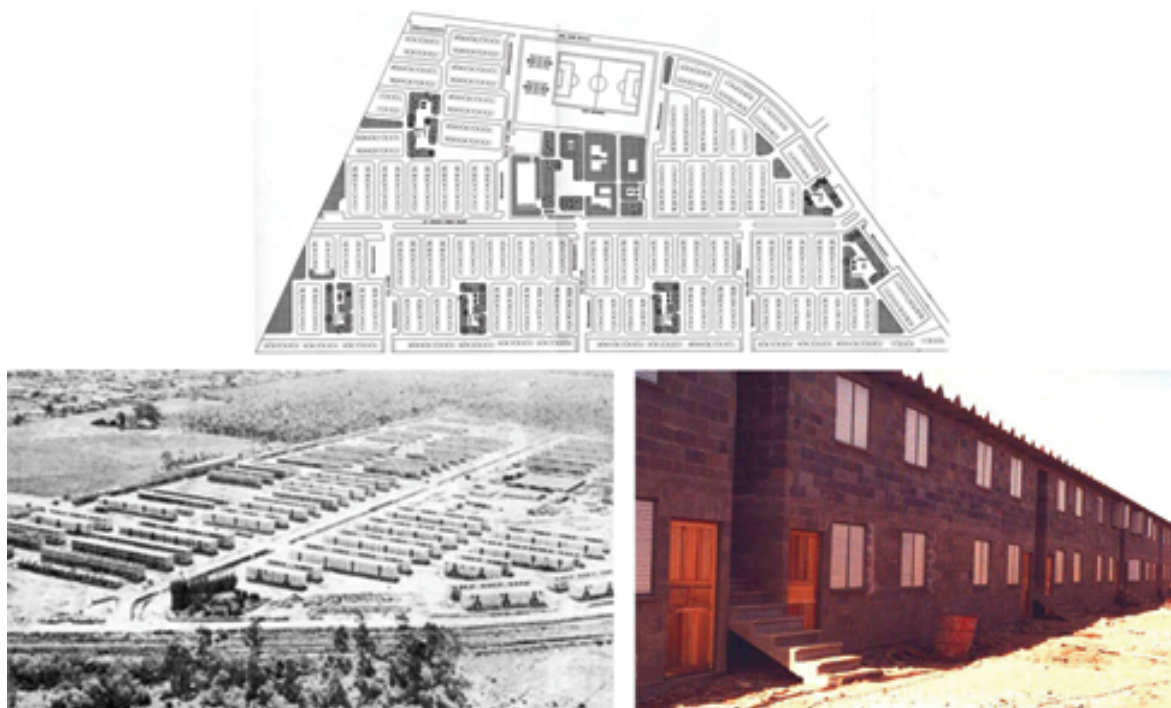


Figura 9. Conjunto Habitacional Terras Altas, Pelotas, 1980. Plano geral e fotos da época da construção.

Figure 9. Terras Altas Housing Community, Pelotas, 1980. General plan and photos at the time of construction.

Fonte: Medvedovski (1998).

⁴ Os “Projetos Integrados” ou “Projeto Pacote”, como é popularmente conhecido, consistiram em uma promoção mista, onde a COHAB-RS adquiriria conjuntos habitacionais promovidos e construídos pela iniciativa privada (construtoras/incorporadoras) mediante licitação pública (Medvedovski, 1998).

Mas o interessante desse conjunto é que, se em seu projeto estão evidentes os princípios destacados nos esquemas de Gropius e nas *Siedlungs*, esses conceitos bastante rígidos dos CIAM⁵ já estavam “contaminados” pela crítica dos anos 50.

O Team X e os conjuntos de Pelotas

Os modernistas acreditavam que o desenho da cidade propiciaria um mundo mais igualitário, que a estrutura urbana poderia ser conformada racional e funcionalmente de forma a se atingir um bem-estar social. Porém, o esquematismo e o excesso de racionalização que concebia uma habitação padronizada como os demais produtos de uso corrente e sem qualquer relação com a identidade do morador provocaram fortes críticas por parte das gerações mais novas, no próprio seio do CIAM.

Em 1956, no décimo congresso em Dubrovnik, o Team X⁶, grupo de arquitetos formado por essa nova geração e encarregado de organizar esse encontro, adota por uma reintrodução, na arquitetura moderna, da experiência da comunidade. Para o grupo, a hierarquia das relações humanas deveria substituir a hierarquia funcional da Carta de Atenas. Conceitos como o pertencer e identidade são trazidos à tona. “Pertencer é uma necessidade básica emocional [...] de ‘pertencer’ provém o sentido enriquecedor de vizinhança. A rua curta e estreita do bairro miserável triunfa ali onde uma redistribuição espaçosa fracassa”, havia escrito o grupo em 1953 (Team 10, 1953, in Frampton, 1993, p. 275). Frente às discussões sobre a presença do centro cívico acontecidas anos antes, punham a própria residência como extrato onde se podiam estabelecer relações mais imediatas entre o núcleo familiar e a comunidade (Colquhoun, 2005).

A necessidade de espaços mais humanizados e a consideração dos valores culturais das comunidades – marcas fundamentais do grupo – se refletem de diferentes maneiras em suas propostas teóricas, arquitetônicas e urbanísticas. Por exemplo, a identidade, os padrões de associação dos grupos no espaço arquitetônico, a mobilidade e a noção de *cluster* ou agrupamento foram os critérios de projeto defendidos por Peter e Alison Smithson; o estabelecimento de espaços de transição, com limites indefinidos, onde as polaridades dentro-fora, individual-coletivo, espaço construído-espaço não construído pudessem interagir, fazem parte das propostas de Aldo van Eyck, que buscava uma redefinição entre o homem e o espaço construído a partir de estudos de antropologia; a garantia

da liberdade de expressão dos habitantes na organização dos espaços e o respeito do seu repertório cultural eram questões que Giancarlo de Carlo procurava incorporar em seus projetos defendendo a necessidade de estudos que indicassem maneiras de ampliar a participação das comunidades nos processos de tomada de decisão sobre a vida coletiva⁷.

O arquiteto uruguaio Arturo Dorner Linne, autor do projeto do Conjunto Habitacional Terras Altas, conta que a proposta urbanística e a tipologia habitacional do conjunto tiveram origem em sua experiência entre 1958 e 1977 junto à Intendência Municipal de Montevideu.

Um importante relato do arquiteto nos permite entender como as ideias vigentes na Europa no segundo pós-guerra chegam à cidade de Pelotas. Tendo participado da equipe técnica da Intendência no projeto de alguns conjuntos residenciais, Dorner declara que “o projeto apresentado para a Cohab trazia muitas das propostas desenvolvidas naqueles conjuntos” (Dorner Linne, s.d., in Medvedovski, 1998, p. 107). No Uruguai, esclarece o arquiteto, a ideia “mais modernista” de edificação em altura e terreno totalmente coletivo já não estava sendo bem aceita dentro da Intendência. Algumas urbanizações mantinham a concepção da casa isolada ou geminada em lote individual, mas outras já buscavam, junto com as tipologias de blocos de dois ou quatro pavimentos, laminares ou compactos, o estabelecimento de áreas coletivas. O arquiteto considera que houve uma “evolução da concepção dos espaços dos conjuntos” ao passar de unidades isoladas para a habitação multifamiliar, dotada de espaços coletivos:

As fitas de dois pavimentos eram a nova tendência no Uruguai [...]. A “velha guarda” [de arquitetos] é que era mais modernista [...] Poucos projetos foram realmente modernistas [...] Nos finais dos 70 já se fazia a crítica ao movimento moderno [...] se conhecia os trabalhos de Peter e Alison Smithson (Dorner Linne, s.d., in Medvedovski, 1998, p. 107).

O primeiro projeto apresentado para o Conjunto Terras Altas consistia em conjuntos de habitações dispostas em duas fitas de dois pavimentos com orientações contrapostas, com um espaço coletivo⁸ entre elas e com acesso a este pelas extremidades dos blocos. Na área coletiva, estavam previstas churrasqueiras e canchas de bocha, dois equipamentos típicos de lazer na cultura do Rio Grande do Sul. Segundo o arquiteto, a Cohab não aceita essa concepção por considerar que os usuários não teriam capacidade de administrar uma área coletiva (Medvedovski, 1998).

⁵ Para interessante estudo sobre o conceito de superquadra aplicado ao Conjunto Habitacional Terras Altas ver Medvedovski (1998, cap. 2).

⁶ O Team 10 inicialmente era formado pelos arquitetos Peter e Alison Smithson, Aldo van Eyck, Jacob Bakema, Georges Candilis, Shadrach Woods, John Voelcker, Giancarlo de Carlo e William e Jill Howell.

⁷ Para um estudo detalhado e inédito no Brasil sobre o Team X, ver Barone (2002).

⁸ O espaço coletivo se refere a uma área comum a alguns ou a muitos indivíduos – e não a todos os indivíduos como no espaço público. V. estudo sobre esse conceito em Medvedovski (1998).

O arquiteto apresentou um segundo projeto onde propunha um maior afastamento das edificações, com vias de acesso de pedestre entre elas, ladeadas de duas faixas de jardins privativos. Os jardins junto aos acessos do pavimento térreo pertenciam a essas unidades e os jardins que ladeavam as escadas, agora reorientadas para o lado oposto, pertenciam ao 2º pavimento. Nessa proposta, perdia-se o espaço coletivo entre os prédios, mas cada apartamento ganhava um espaço aberto de extensão da moradia que era, ao mesmo tempo, um espaço intermediário entre o privado e o público. Novamente a proposta foi recusada, desta vez pela própria empresa construtora, considerando que, com a duplicação de vias, os custos seriam maiores (Medvedovski, 1998).

A terceira alternativa partia da individualização e privatização da área posterior do térreo, mas com a proibição de construir-se sobre a mesma. Foi aprovada tanto pela empresa construtora como pela Cohab, pois deixava o cuidado dessa parcela do terreno a cargo de cada proprietário.

Nas intenções do projeto do conjunto acima descrito, cujas concretizações são facilitadas pelas densidades demográficas mais baixas do que aquelas em que em geral trabalharam os integrantes do Team 10, está presente essa ideia de trabalhar com espaços muito próximos da residência como partes fundamentais nos processos de relações sociais. Por outro lado, a investigação sobre a ideia de vizinhança assim como da gradação hierárquica dos espaços livres que vai do privado, passa pelo coletivo e chega ao público é considerada fundamental para uma conquista da identidade e da apropriação dos espaços. A implantação das residências voltadas para uma “rua”

resgata algo da cidade tradicional. As quadras estruturadas com suas praças próprias, que atendem a uma população mais imediata diferentemente da praça central que abriga os equipamentos públicos, representam a busca de uma relação mais precisa entre forma física e necessidade sociopsicológica, tão cara ao pensamento do grupo Team X.

É dentro do contexto da crítica do segundo pós-guerra que se deve avaliar o conjunto em estudo. Foi essa a maneira, a maneira possível, encontrada por seus projetistas de interpretação dos princípios defendidos pelos Smithson, Van Eyck e De Carlo. É a ideia de um “retroceder”, de lançar um olhar em direção à cidade anterior à funcionalista, às suas categorias organizacionais e espaciais, que liga Pelotas a Dubrovnik.

E esse voltar atrás, esse trilhar o caminho inverso na busca de alternativas à cidade funcional, visita, em termos de processo, desde as propostas de desenvolvimento da quadra amsterdanesa, tão fundamental para o entendimento da “quadra” modernista, ao esquema de Ernst May.

Ainda é interessante destacar que o desenvolvimento do cooperativismo na habitação, com a implantação nos anos 60, no Uruguai, das *Cooperativas de Vivienda*, propiciou a reflexão sobre os temas relativos aos espaços comunitários e uma precoce adoção, em relação ao Brasil, da crítica ao urbanismo moderno. O arquiteto Arturo Dörner, responsável pelo projeto do Conjunto Terras Altas, presenciou o nascimento e desenvolvimento desse movimento⁹ que dá frutos positivos até hoje e que, logo nas primeiras propostas de conjuntos habitacionais, já expressava uma vontade de concretização de espaços que permitissem uma relação mais solidária entre seus habitantes.

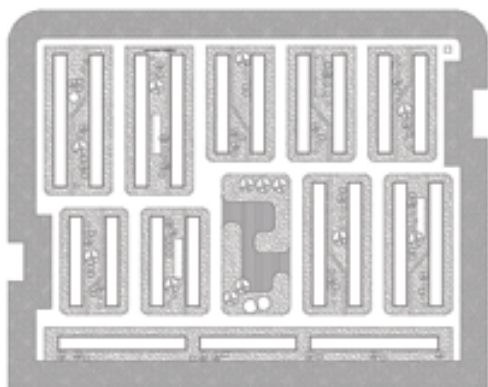


Figura 10. Conjunto Habitacional Terras Altas, Pelotas, 1980. Primeira proposta, exemplo de uma quadra.

Figure 10. Terras Altas Housing Community, Pelotas, 1980. First proposal, example of a block.

Fonte: Elaboração própria com base no depoimento do autor do projeto (in Medvedovski, 1998).

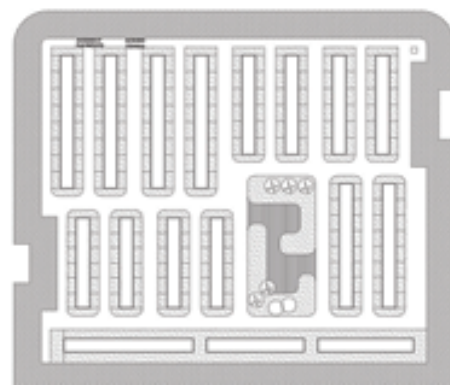


Figura 11. Conjunto Habitacional Terras Altas, Pelotas, 1980. Segunda proposta, exemplo de uma quadra.

Figure 11. Terras Altas Housing Community, Pelotas, 1980. Second proposal, example of a block.

Fonte: Elaboração própria com base no depoimento do autor do projeto (in Medvedovski, 1998).

⁹ Nirce Medvedovski realiza estudo da influência no projeto do Conjunto Terras Altas das tipologias habitacionais utilizadas nas cooperativas uruguaias (Medvedovski, 1998).

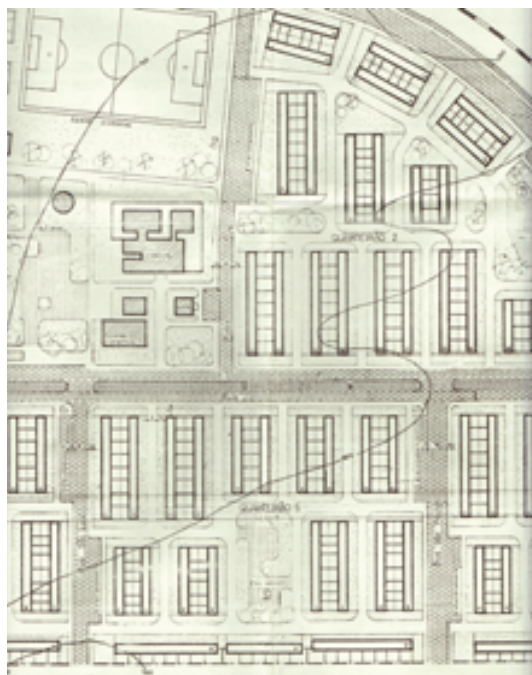


Figura 12. Conjunto Habitacional Terras Altas, Pelotas, 1980. Projeto definitivo. Parte do plano geral mostrando as áreas privativas entre os blocos lineares e praça da quadra.

Figure 12. Terras Altas Housing Community, Pelotas, 1980. Final project. Part of the general plan showing private areas between the lineal buildings and the square block.

Fonte: Arquivo Naurb-Faurb.

Considerações finais

O legado do Team 10 na cidade espontânea

Hoje, mais de duas décadas após sua ocupação, verificamos uma forte intervenção da população sobre os espaços públicos e coletivos do Conjunto Terras Altas, essencialmente sobre as áreas livres contíguas às habitações. Grande parte dos espaços junto às edificações está tomada por construções que não estavam previstas no projeto original.

A monofuncionalidade, que não se adapta ao dia a dia, somado à pequena área interna das habitações e a uma configuração de unidades que não oferecia nenhuma chance de desenvolvimento futuro; problemas sociais como o desemprego que gera o trabalho informal ou a necessidade do “negócio próprio” junto à habitação; a inexistência de um condomínio que ditasse regras sobre a utilização do espaço ou coibisse a atuação dos moradores sobre o mesmo e a falta de fiscalização e autuação das obras irregulares por parte dos órgãos municipais de fiscalização, configuram um conjunto consistente – e suficiente – de motivos para a grande transformação desse pedaço de cidade ao longo dos anos.

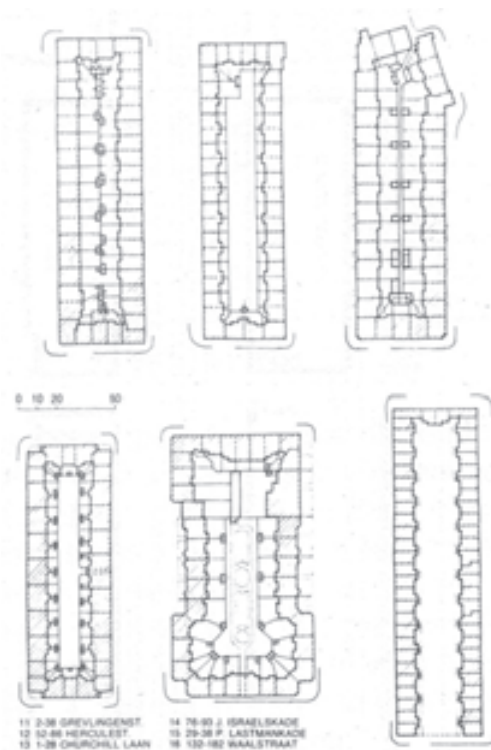


Figura 13. Philippe Panerai. Evolução da quadra amsterdanesa. A evolução do projeto para o conjunto Terras Altas poderia ser lida conceitualmente nessa ordem: esquema 6 (o espaço central é coletivo), 4 (o espaço central é parte coletivo, com acesso do exterior e, parte privado) e 1 (o espaço central é privado).

Figure 13. Philippe Panerai. Evolution of the Amsterdam block. The evolution of design for the Terras Altas community could be conceptually read in this order: scheme 6 (the central area is collective), 4 (the central area is partly collective, with access from an outside area and partly private) and 1 (the central area is private).

Fonte: Panerai *et al.* (1986).

Por outro lado, evidentemente, era um modelo novo de moradia para seus habitantes. O choque entre a vida em aglomerados urbanos polifuncionais, com morfologia urbana mais tradicional e tipologias habitacionais variadas, de onde vinha grande parte desses moradores, e a vivência em uma “cidade modernista” era inevitável. Apesar da presença dos novos ideais do pós-guerra, o espaço aberto apresentado nessa urbanização era ainda demasiado contínuo e homogêneo.

Mas, apesar dos problemas que a ocupação irregular pôde trazer – os problemas de infraestruturas para dar um dos exemplos mais agudos – as características diferenciadas em relação aos conjuntos residenciais da época, como destacamos e indicamos como fruto dos

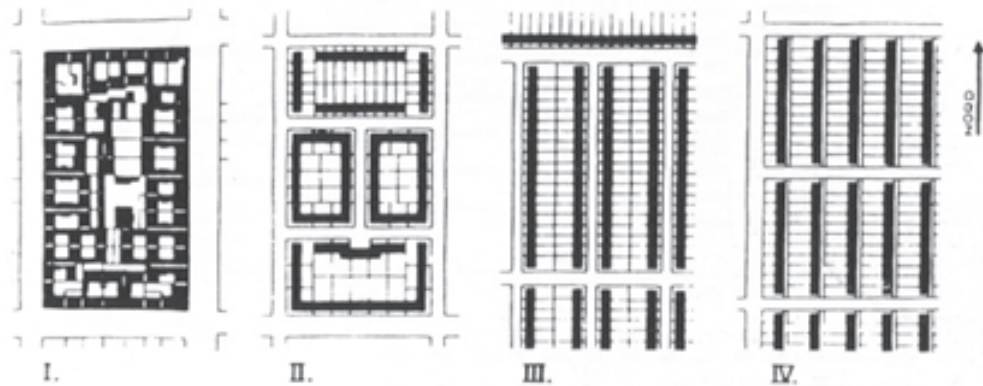


Figura 14. Ernst May, esquema ilustrando a evolução da quadra urbana, 1930. A proposta final do projeto do Terras Altas apresenta semelhança com o esquema III.

Figure 14. Ernst May, scheme showing the evolution of the urban block, 1930. The final proposal of the design of Terras Altas is similar to the scheme III.

Fonte: Martí Arís (1991).



Figura 15. Conjunto Habitacional Terras Altas, Pelotas (RS). Cidade Espontânea, 2010.

Figure 15. Terras Altas Housing Community, Pelotas (RS). Spontaneous City, 2010.

Fonte: Arquivo da autora.

ideais urbanísticos do pós-guerra, serviram de estrutura, e não de empecilho, para a conformação de um espaço urbano mais qualificado em muitos aspectos.

A ideia de uma gradação entre público e privado, com um plano urbano claro e hierarquizado, com partes conectadas à cidade através da via pública e partes conectadas às habitações, como a rua local e a praça da quadra que, por sua configuração e “fechamento”, acaba se configurando como um espaço coletivo, pôde dialogar

com os desejos de relações humanas mais espontâneas da população local.

A ideia, presente no projeto, de atender a necessidades físicas e psicológicas entendidas não em termos abstratos e quantitativos, mas em termos da capacidade de respostas mais locais e o cuidado em termos projetuais com os lugares de convívio que se configuram como uma extensão mais imediata à moradia, potencializou, como continuidade e complemento mais do que como

metamorfose, a transformação do conjunto em algo mais parecido com aquilo que conhecemos como cidade e como “bairro”: o contato da casa com a via de pedestre e com a praça se tornou mais direto, e a principal via de acesso ao conjunto se transformou em uma rua comercial com intensa animação urbana.

Referências

- BARONE, A. C. C. 2002. *Team 10: arquitetura com crítica*. São Paulo, Annablume, Fapesp, 200 p.
- BONDUKI, N. 2009. Habitação Social na vanguarda do movimento moderno no Brasil. In: SEMINÁRIO DE EXPERTOS EN AMÉRICA LATINA Y CATALUÑA PARA DEBATIR LA CONSERVACIÓN Y FUTURO DE LA VIVIENDA SOCIAL MODERNA, Barcelona, 2008. *Anais...* Barcelona. Disponível em: http://www.nabil.org.br/publicacoes_ver.php?idConteudo=458. Acesso em: 17/11/2010.
- BRUNA, P. 2010. *Os primeiros arquitetos modernos: habitação social no Brasil 1930-1950*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 264 p.
- COLQUHOUN, A. 2005. *La arquitectura moderna: una historia desasosonada*. Barcelona, Gustavo Gili, 287 p.
- CORREIA, T.B. 1999. O modernismo e o núcleo fabril: o plano da cidade operária da F.N.M. de Atílio Correia Lima. Seminário Docomomo. Disponível em: http://www.docomomo.org.br/seminario%203%20pdfs/subtema_A1F/Telma_correia.pdf. Acesso em: 17/04/2010.
- FRAMPTON, K. 1993. *Historia crítica de la arquitectura moderna*. 6ª ed., Barcelona, Gustavo Gili, 400 p.
- GROPIUS, W. 1972. As bases sociológicas da habitação mínima para a população das cidades industriais. In: W. GROPIUS, *Bauhaus Novarquitetura*. São Paulo, Perspectiva, p. 143-155.
- HILBERSEIMER, L. 1999. *La arquitectura de la gran ciudad*. 2ª ed., Barcelona, Gustavo Gili, 106 p.
- MARTÍARÍS, C. 1991. *Las formas de la residencia en la ciudad moderna – Vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*. Barcelona, Edicions de La Universitat Politècnica de Catalunya, 206 p.
- MEDVEDOVSKI, N. S. 1998. *A vida sem condomínio: configuração e serviços públicos urbanos em conjuntos habitacionais de interesse social*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 494 p.
- MONTANER, J.M. 1995. *Después del movimiento moderno: la arquitectura de la segunda mitad del siglo XX*. 2ª ed., Barcelona, Gustavo Gili, 272 p.
- PANERAI, P.R.; CASTEX, J.; DEPAULE, J. 1986. *Formas urbanas: de la manzana al bloque*. Barcelona, Gustavo Gili, 210 p.

Submetido em: 12/04/2011

Aceito em: 20/07/2011